

O PEDAGOGO E O ESPAÇO NÃO-ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA ACADÊMICA NO ESTÁGIO I

Jucyanne e Silva Ibiapina- UFPI
Enayde Fernandes Silva- UFPI
Lorena Raquel de Alencar Sales de Moraes- UFPI
Isolina Costa Damasceno- UFPI

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de campo realizada para a obtenção de nota avaliativa da disciplina Estágio Supervisionado I e tem como objetivo analisar a importância do papel do pedagogo em espaços não escolares bem como conhecer um dos espaços nos quais ele trabalha. Neste sentido, o estágio torna-se uma etapa importante da formação dos futuros pedagogos na qual a identidade profissional é estabelecida bem como as oportunidades de atuação do mesmo. Para a coleta de dados foi utilizada a entrevista e a observação sistemática não participante. Baseado nos estudos de Cézár (2008), Alvez e Zuse (2004) e Kowalczuk e Vieira (2011) que discutem o papel desse profissional como motivador e articulador de ações educacionais dentro das organizações não escolares. Neste sentido construímos a partir das vivências dessa experiência na disciplina com a teoria um modelo do que vem a ser o pedagogo nestas instituições.

Palavras-Chave: Pedagogia. Papel do Pedagogo. Estágio. Espaço não escolar.

Introdução

A experiência do estágio é fundamental para a formação de futuros profissionais em todas as áreas, na medida em que, constitui o elo entre teoria e prática. No âmbito da pedagogia torna-se ainda mais essencial, por ser elemento que proporciona a formação integral do futuro professor. Sabe-se que a formação em Licenciatura em Pedagogia não se limita à inserção na sala de aula, mas abrange diversas áreas de atuação, como a gestão escolar, coordenação pedagógica, entre outras, inclusive em espaços não escolares, como em uma empresa, em hospitais, bem como, em Organizações Não Governamentais – ONG'S

O presente artigo é resultado de um trabalho de campo realizado para a disciplina de Estágio Supervisionado I do curso de Pedagogia e tem como objetivo compreender a importância do estágio dos alunos nos espaços não- escolares enquanto eles ainda estão em formação acadêmica a fim de conhecerem as diversas oportunidades de atuação que o pedagogo possui depois de formado.

Sabe-se que a tarefa do pedagogo em ONG's, hospitais, empresas e demais instituições não-escolares está diretamente ligada ao processo formativo dos profissionais. Sendo assim:

O pedagogo, assim, é um agente educacional nas organizações e sua função é a concretização da educação dentro dos interesses empresariais de cada momento específico. Estabelece-se na organização como um profissional que agrega valores, juntamente com outros profissionais. Acompanha todo o desenvolvimento profissional dos colaboradores e seu desempenho viabiliza cursos internos e externos, técnicos ou comportamentais.
(KOWALCZUK; VIEIRA, 2011, p.12.468)

O pedagogo atua nas instituições de maneira a efetivar a garantia de educação nas organizações nas quais atua, sua atividade deve agregar valor à formação dos profissionais que trabalham com ele, estando a par do desenvolvimento de todos que estão envolvidos de alguma forma com a instituição na qual trabalha. Neste sentido, o trabalho realizado serve de maneira a fomentar a atuação da equipe bem como a qualidade dos serviços prestados por determinadas organizações.

A instituição escolhida foi a Associação dos Amigos dos Autistas do Piauí (AMA) que está situada na cidade de Teresina e atende crianças com autismo no sentido de atender as necessidades não só educacionais, mas também sociais. Ela existe há quatorze anos e atualmente é uma espécie de centro de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ela conta com os serviços de uma pedagoga que é responsável pela coordenação dos professores e cria os projetos desenvolvidos pela associação seja consigo mesma ou aliada à comunidade. O trabalho foi realizado por meio de visitas à instituição, entrevista e observação para a coleta de dados necessários à construção do conhecimento.

Neste sentido, buscamos explicitar o trabalho do pedagogo não-escolar de maneira a compreender a sua identidade enquanto um profissional da educação, não apenas um professor polivalente de séries iniciais. Tal prerrogativa corrobora para a autoafirmação dos estudantes de Pedagogia que muitas vezes, terminam o curso sem conhecer as oportunidades que lhes são propostas, bem como qual a sua real função nos espaços não-escolares.

Trajatória Metodológica: em busca de uma compreensão da pesquisa de campo

A metodologia escolhida está em consonância com os objetivos pretendidos com o artigo para realizar a investigação. Neste sentido, optamos pela pesquisa de campo com a utilização da entrevista e da observação a fim de levantar as informações necessárias para a construção do pensamento aqui exposto.

Um dos métodos de coleta de dados foi a entrevista é uma técnica realizada em um local pré-determinado, para isso, marcamos um encontro com a diretora da instituição no seu próprio local de trabalho dependendo da natureza da pesquisa a ser realizada e se ela é o foco do trabalho ou não. Antes de elaborar suas perguntas, o pesquisador deve ter em mente o porquê de utilizar esta técnica, quem, onde e quando entrevistar. Sendo assim, temos que

O objetivo desse tipo de entrevista é criar uma atmosfera para que o entrevistado sinta-se à vontade para fornecer ao pesquisador informações bastante pessoais. Mesmo assim, o pesquisador não abandona totalmente a preparação que antecede uma entrevista, pois é muito importante considerar a natureza do encontro e as perguntas-chave necessárias para explorar os objetivos da pesquisa.

(MOREIRA, 2006, p.168)

Apesar de requerer uma certa familiaridade com o entrevistado, o pesquisador não pode se esquecer do motivo do seu trabalho e do porquê chegou até aquele local, neste sentido, deve-se criar uma situação informal mas com o rigor que a formalidade a pesquisa científica necessita. A atmosfera de familiaridade foi criada a partir do fato de que o sobrinho de uma das estudantes-pesquisadoras recebe atendimento na instituição e esta já conhece o funcionamento da mesma bem como os profissionais que lá trabalham.

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista não- estruturada na qual o entrevistado se sente livre para responder as questões e o entrevistador pode elaborar outras questões a medida em que a conversa flui e permite tais acréscimos. Antes de começar o trabalho, foram criadas algumas questões para nortear a conversa com o sujeito participante. O acordo da utilização do uso do gravador permitiu a criação do ambiente de descontração ideal em que não havia a preocupação em se registrar tudo por parte de quem entrevista, mas também a atenção para o entrevistado que exigirá atenção ao que fala.

Antes de tudo, o pesquisador tem que tomar uma decisão sobre a maneira de registrar a entrevista, embora sejam possíveis mudanças à medida que a relação se desenvolve e as barreiras sejam vencidas. O professor/pesquisador pode considerar três possibilidades: a) utilizar o gravador durante toda a entrevista; b) fazer anotações à medida que a entrevista se desenvolve e c) fazer anotações dos principais aspectos após o término da entrevista.

(MOREIRA, 2006, p.181)

Outra técnica utilizada foi a da observação não participante na qual as estudantes perceberam o comportamento da pedagoga em espaços não-escolares. Os aspectos a serem observados eram o papel desempenhado por ela na instituição, bem como a tomada de decisões e a frequência com a qual tais comportamentos eram observados.

[...] a observação sistemática é usada quando os pesquisadores necessitam de relatos abrangentes, detalhados e representativos dos comportamentos dos indivíduos. Ele exige que os observadores se concentrem no registro completo e preciso dos dados. [...] Por conseguinte, os observadores envolvem-se o mínimo possível com o que eles estiverem registrando.

(MOREIRA, 2006, p.196)

Neste sentido, a combinação das técnicas com o objetivo a ser cumprido tornaram-se importantes meios de construção do pensamento científico, além disso

CONTINUA

Conhecendo os ambientes de atuação do pedagogo: a ONG

Nessa perspectiva, com o intuito de compreender a prática do estágio supervisionado e sua importância em espaços não escolares, discutiremos os resultados obtidos da pesquisa de campo realizada na ONG AMA/PI – Associação de Amigos dos Autistas do Piauí, abordando pontos relevantes para a prática pedagógica nesse espaço.

A AMA é uma associação criada a partir da necessidade e dificuldades enfrentadas pelas mães e autistas de Teresina, uma vez que, quando diagnosticadas as crianças com essa necessidade especial, pouco se sabia sobre o assunto, fazendo com que uma mãe (uma das fundadoras) buscasse sobre o assunto em outros estados. A partir daí, outras mães e amigos abraçaram a causa e com o passar de tempo e da luta diária conseguiram concretizar essa associação. No início, por motivos financeiros e

também pela inexperiência a AMA passou por dificuldades e funcionava em locais pouco apropriados. Somente a partir do ano de 2005, com a chegada de uma nova gestão, houve a preocupação em organizar dados de alunos, pastas para professores, e atividades a serem oferecidas, é que a AMA começou a dar seus passos mais firmes, ocorreu a mudança de sede e as atividades e serviços oferecidos agora passavam por planejamento prévio. No ano de 2007 houve a entrada de uma pedagoga à equipe, esta por sua vez, com bastante conhecimento na área com trabalhos anteriores exercidos em outra ONG, trouxe experiência, ideias e luta pela inclusão de crianças e jovens na educação, o que permitiu contribuir da melhor maneira possível no crescimento da Associação.

A AMA segue várias teorias antigas da educação como Vygostk, Walon, Maria Montessori, Piaget, baseando-se nas fases de desenvolvimento, conhecimento necessário para o profissional trabalhar com essas crianças, pois, existe uma diferença de idade cronológica e mental em crianças autistas. Na perspectiva do autismo propriamente dito, a AMA se baseia entre outros estudiosos da área, nas teorias do médico psiquiatra de Minas Gerais Walter Camargo com seu livro “O transtorno invasivo do desenvolvimento no Terceiro Milênio”, considerado a “Bíblia do Autismo” este livro foi elaborado em parceria com vários outros profissionais.

Hoje a AMA possui 50 (cinquenta) alunos nas idades de três anos e meio a quatorze anos. A parte interna é organizada pelos profissionais, onde há a separação das crianças por faixa etária e/ou aptidão, diante disso são organizados grupos da educação física, arte terapia e psicopedagogia. A AMA possui duas psicopedagogas, que trabalham 40 (quarenta) horas semanais nas salas reservadas para o PIT e PETS (Programas de Tratamento de crianças com Dificuldades de Aprendizagem e comportamento), implantadas em 2012 e 2013, com objetivo de estruturar melhor o ensino das crianças autistas, especialmente quando se trata do manuseio do livro didático, sendo este um recurso difícil de trabalhar com essas crianças, devido à maioria das atividades nele contidas passarem por adaptações específicas para cada caso de autismo, especialmente para o atendimento de casos mais severos. A equipe também conta com assistentes sociais, professores, estagiários, entre outros profissionais voluntários. O atendimento na AMA é realizado de segunda a quinta-feira, a sexta-feira fica reservada para o planejamento e elaboração dos materiais adaptados.

Contudo, a AMA ainda enfrenta muitas dificuldades, além do enfrentamento do preconceito aos autistas, há a ausência de recursos, os voluntários são inconstantes, a

estrutura física não atende as necessidades, não há quadra de esportes para o desenvolvimento de atividades físicas, o refeitório e as salas de aula são inadequados, faltam ar condicionados, além de materiais didáticos. Vale ressaltar que, mesmo diante dessas dificuldades a AMA busca o melhor atendimento à clientela, inclusive, neste ano de 2014 está em fase de construção a piscina para atendimento hidroterápico, de suma importância para os autistas. Na tentativa de contornar a situação financeira a AMA realiza bazares, através das jornadas arrecadam fundos, realizam oficinas com as mães, com o objetivo de vender os produtos confeccionados, há também a venda de rifas e o recebimento de doações. O governo do Estado exerce sua parceria através da Secretaria de Educação que além de conceder cessão de alguns professores, encaminha a merenda escolar e estagiários. A Universidade Federal do Piauí também participa, concedendo alunos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-PIBID, na área da pedagogia, de artes, entre outras.

O Pedagogo em Espaços Não-Escolares: Seu Valor e Seu Papel

As funções de atuação do pedagogo nos espaços não escolares ainda trazem uma dúvida relevante sobre o seu papel que ainda delimita-se ao campo da educação formal. Essa dúvida leva ao seguinte questionamento, o que realmente faz um pedagogo em instituições não escolares, tal como indústrias, empresas, comércios, hospitais.

Estudiosos explicam que o pedagogo tem a função geral de realizar um diagnóstico e a partir do mesmo fazer o levantamento das necessidades e falhas existentes no processo ensino aprendizagem usando métodos, técnicas e estratégias adequadas para determinado grupo ou indivíduo, sendo dessa forma onde houver aprendizagem o pedagogo sempre terá como contribuir, desmentindo a ideia de que o ensino e a aprendizagem limitam se aos muros das escolas, pois o conhecimento esta presente nas mais diversas áreas da estrutura social.

A educação está impregnada, no ambiente interno e externo das organizações, para oferecer situações de aprendizagens que venham a modificar o perfil dessas organizações, uma vez que, na atualidade, as pessoas necessitam de conhecimentos, para se desenvolverem tanto no aspecto pessoal quanto profissional.

(ALVES; ZUSE, 2004, p.99)

As situações de aprendizagem tornam-se importantes aspectos relacionados à educação pois são elas que permitirão a construção de conhecimentos pessoais e profissionais dos membros de uma determinada instituição. Assim como afirma Cezar (2008) “A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.” A partir dessa leitura enfatiza-se mais uma vez a ampla atuação do profissional de pedagogo nos espaços não escolares, visto que o ser humano em sua formação e prática em envolvem aspectos diretamente a aprendizagem, instrumento chave na atuação do pedagogo.

O espaço não escolar onde realizamos a pesquisa tem como principal característica a assistência especial aos alunos com autismo, procurando estabelecer essa relação com a garantia do desenvolvimento desses alunos que exigem procedimentos educacionais especial e integral. Fazendo se valer a importância do pedagogo nesse espaço contribuindo através de um diagnóstico e listando atividades necessárias ao desenvolvimento do processo aprendizagem dos alunos. Segundo Orrú (2008):

Na falta de um trabalho multidisciplinar que veja a pessoa com autismo como um ser bio-sociopsico-histórico-cultural, a mesma perpassa pelo estigma das incapacidades e inabilidades como sendo os definidores de seu destino durante toda sua vida. Logo, leva-se em conta muito mais os aspectos sintomáticos da síndrome do que a procura de estratégias interventivas para a superação das dificuldades encontradas. A exclusão social do autista emerge das concepções pré-conceituadas a respeito das “coisas” que essa pessoa não consegue fazer.(p.1)

O retrato da educação especial em nossos país ainda mostra grandes desafios, dentre ele está a formação docente. Hoje é sabido que os cursos de licenciatura trazem um currículo deficiente para uma efetiva prática do docente, no entanto dá subsídios básicos para gerir esses espaços bem com ministrar atividades que venham desenvolver as habilidades dos alunos, tendo consciência de suas limitações e condições.

O papel do pedagogo não- escolar na visão das estudantes de pedagogia

As atividades exercidas pela pedagoga colaboraram significativamente para o alcance de objetivos e desenvolvimento da AMA, na medida em que espaços como

esse, com atendimento assistencialista e também dependente de trabalhos voluntários, é imprescindível a atuação de um profissional comprometido com a educação e o com caráter social que a essa Associação exerce. O primeiro obstáculo a superar foi conscientizar as mães e também a gestora sobre a importância da inserção dessas crianças em sala de aula, mesmo diante de preconceitos e humilhações, seus filhos e filhas necessitavam de educação, assim a pedagoga buscou mostrar que mesmo com limitações todos os autistas têm direito à educação, e nesse caso de necessidade especial a escola regular deve atendê-los de maneira a contribuir em seu desenvolvimento, dando suporte oportunidades para tal. Além dessa instrução, a pedagoga, ainda orientava sobre a necessidade do atendimento mútuo as crianças tanto pela escola regular, quanto pela AMA, para que o desenvolvimento aconteça de modo satisfatório.

Nesse sentido, o trabalho da pedagoga resultou no desenvolvimento de diversos trabalhos como a “Jornada do Autista” na qual constitui uma formação para toda a sociedade sobre o autismo, características, como tratá-los, a inclusão dessas crianças nas escolas regulares, assim como, a formação de professores; O projeto “Cuida bem de mim” aprovado em 2008 pelo Conselho Tutelar da Criança e do Adolescente, onde o principal objetivo é orientar as famílias no cuidado em todos os aspectos com o seu filho autista, projeto este que possibilitou o recebimento de recursos, realização de oficinas, palestras. Todos esses avanços só se concretizaram com a dedicação da pedagoga e da diretora, confirmando assim o quanto a presença do pedagogo é importante.

Portanto, o papel do pedagogo, nas organizações, irá auxiliar na articulação da aprendizagem, ajudando o processo em busca de conhecimento e mudanças, a fim de auxiliar gestores e colaboradores na construção de novos projetos que atendam aos desafios do mundo globalizado, com o objetivo de melhorar resultados.
(ALVEZ; ZUSE, 2004, p.95)

Neste sentido entendemos que o papel de desenvolver e criar projetos dentro da organização na qual trabalha é papel do pedagogo, pois ele é quem está melhor capacitado para compreender as necessidades e articulá-las às teorias de maneira a garantir a aprendizagem. No entanto, as atividades exercidas pela pedagoga vão além da elaboração e desenvolvimento de projetos, ela realiza a avaliação dos alunos novatos, e também executa a formação continuada dos professores. Sua avaliação envolve identificar como está a comunicação do aluno, sua interação social, sua coordenação

motora fina e ampla, sua linguagem expressiva e receptiva, o contato visual, o aspecto cognitivo, assim como, também é abrange uma avaliação da família, com o intuito de assessorá-la para melhor trabalhar as dificuldades do aluno. Após essa avaliação a pedagoga também é responsável por distribuir e encaminhar os alunos à sala adequada a sua necessidade, sempre atentando à disponibilidade, pois, somente é permitido o atendimento de dois alunos por sala. A pedagoga presta assistência aos professores tanto a AMA, quanto da rede regular de ensino, como o objetivo de melhorar o atendimento e desenvolvimento dos alunos.

Contudo, o fato de exercer várias funções ao mesmo tempo, como, em determinadas situações ter que assumir o papel de secretária, digitadora e ainda ter que atender os professores quando estes elaboram as atividades, configura-se em uma dificuldade enfrentada por essa profissional, pois a AMA ainda apresenta um quadro insuficiente para a demanda. Outro papel assumido pela pedagoga é o de coordenadora, que se preocupa com a formação de turmas, organiza as salas de aula, elabora declarações, solicita junto a Secretaria de Educação a disponibilização de estagiários, faz relatórios, realiza a formação com os professores da AMA e também o planejamento das atividades a serem exercidas futuramente.

Podemos identificar que a parceria com outros profissionais como, psicóloga e assistente social, possibilita bons resultados, visto que, o trabalho em equipe, as discussões conforme sua especialidade origina a elaboração de mais projetos que objetivam a valorização, o entendimento e o fim do preconceito a crianças autistas. O projeto da jornada do autismo é um bom exemplo disso, onde a pedagoga com sua experiência na luta pelos portadores de necessidades intelectuais, busca conscientizar a população que os autistas são só crianças agressivas, preguiçosas e teimosas, mas sim sujeitos de direito, com sentimentos e capazes de conviver com os demais. Outro exemplo positivo dessa parceria é a elaboração de uma cartilha para ser distribuída para as famílias com orientações elaboradas pela pedagoga, assistente social e psicóloga, e que contêm todas as informações possíveis dentro da área do autismo, desde seu diagnóstico, a o que é a AMA, como procurá-la, enfim, vários dados que ajudem as famílias da melhor maneira possível.

Como podemos perceber, desde a entrada da pedagoga na instituição, o desenvolvimento das crianças, a otimização do trabalho e organização do funcionamento das atividades oferecidas pela AMA teve um avanço considerável. A pedagoga atua de maneira integrada com a diretora, assistente social e psicóloga,

possibilitando maior abrangência no atendimento às famílias. Contudo tem acumulado funções além das que lhes são de dever e isso pode ocasionar problemas na condução do seu trabalho futuramente, mas também no campo emocional. Seu trabalho merece ser conhecido e valorizado para que os estudantes compreendam que a sala de aula não é o único destino certo que terão depois de formados.

Conclusões

O trabalho realizado permitiu-nos concluir que o conhecimento das áreas de atuação do pedagogo deve ser apresentado aos alunos durante seu processo de formação por meio da disciplina de Estágio voltado para os campos de atuação do mesmo. Esse momento serve também de identificação do estudante com o curso que escolheu antes de se inserir no mercado de trabalho. Para trabalhar como tal, o pedagogo precisa ter um conhecimento da instituição na qual desenvolverá suas atividades bem como um domínio da teoria estudada. Pensar o pedagogo requer desdobrar-se sobre sua própria formação e identidade. Não basta que outras pessoas lhe digam suas funções se ele não é capaz de compreender seu papel como um todo e não se reconhece como tal. Isso traz grandes prejuízos na qualidade dos serviços prestados, bem como perdas em seu próprio campo pessoal já que sem uma identificação com o que faz, o profissional tende a ser frustrado e a não trabalhar como deveria.

Uma das características marcantes desse profissional é a preocupação com a educação e o compromisso de fornecê-la adequadamente respeitando o indivíduo e os interesses da instituição, no caso apresentado, da AMA. Embora haja dificuldades na condução de seu trabalho quando não há condições nem profissionais suficientes, quando se conhece o papel e o que deve ser feito, a importância do pedagogo tende a se sobressair sobre os demais problemas. Contudo, não se pode ter a ideia de que tudo depende do pedagogo e que só ele é capaz de fazer aquilo, é necessário que os profissionais requisitados e que tenha aquela função sejam convocados a realizar suas atividades para não implicar em sobrecarga ao pedagogo que ainda hoje luta por um reconhecimento de seu papel fora da sala de aula.

Referências:

ALVES, Francielle; ZUSE, Adelia Juracy. Os Pedagogos nas Organizações; Seus Saberes e seus Fazeres. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, v. 5, n. 1, p. 93-108, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Especial. **Tendências e Desafios da Educação Especial**. ALENCAR, Eunice M.L (org.). - Brasília: SEESP, 1994.

CEZAR, Andreia Silvana dos santos. BIANCHINE, Elôane. PIASSA, Zuleica Aparecida Claro. **A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO EM ESPAÇOS NÃO-ESCOLARES**. Paraná, 2008. p. 3.

KOWALCZUK, Lidiane Mendes Ferreira; VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovsli. **O Pedagogo nas Organizações**. In: X Congresso Nacional de Educação- EDUCERE. Curitiba, PR. Pontifícia Universidade Católica. 12467-12475.

MOREIRA, Herivelto. **Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador**. In: MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORRÚ, Silvia Ester. **A Formação De Professores E A Educação De Autistas**. Revista Iberoamericana de Educación, 2008.